

Ser feliz na enfermidade

Homilia na Eucaristia do XXIV Encontro Nacional da Pastoral da Saúde

1. «Era uma vez um médico que viu um doente idoso que já não dava sinais de cura no hospital. Passavam os dias e ele parecia estar resignado a morrer o mais depressa possível. Por mais que as enfermeiras o animassem, só com muito dificuldade e paciência conseguiam que ele oferecesse uma palavra ou um sorriso. Certo dia, ao passar pelo corredor o médico ficou surpreendido ao vê-lo animado, com bom aspecto e a ser ajudado pelos familiares a levantar-se da cama.

Sorrindo de satisfação, o médico pergunta-lhe: “Então, o que lhe aconteceu? Ainda na passada semana estava tão desanimado e hoje está totalmente diferente?” Perante as perguntas, o idoso sorriu e disse-lhe: “Tem razão! Alguma coisa aconteceu: o meu netinho veio cá ontem visitar-me e disse-me para voltar depressa para casa, pois precisava da minha ajuda: precisa que o ajude a remendar o pneu da bicicleta!”»¹

2. Caros cristãos, afinal também as crianças podem fazer milagres e salvar muita gente nos dias de hoje! Aliás, foi essa a missão que Deus-Pai confiou ao seu Filho, como escutávamos no evangelho: “Eu vim como luz ao mundo (...), não para julgar o mundo, mas para o salvar!”

Em pleno Tempo Pascal, a Ressurreição confere-nos uma missão: publicitar a notícia salvadora do Messias de Deus. Uma salvação que não se cinge a uma vida depois da morte, mas que se opera aqui e agora na concretude da vida humana, nomeadamente na enfermidade.

¹ Pedrosa Ferreira, *Nem só de pão vive o homem*, 72.

3. Na sua mensagem para o Dia Mundial do Doente, o Papa Bento XVI recorda-nos a importância do **Sacramento da Penitência** e da **Santa Unção**. Como tal, ele afirma: “cada sacramento expressa e põe em prática a proximidade do próprio Deus que, de modo absolutamente gratuito, nos toca por meio de realidades materiais... que Ele assume ao seu serviço, fazendo deles instrumentos do encontro entre nós e Ele mesmo.”²

Mergulhados na responsabilidade de Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal, muita coisa deve mudar na acção pastoral com os doentes.

Todavia, o auxílio eclesial aos enfermos não se cinge somente a estes Sacramentos, administrados pelos presbíteros. Os leigos também podem e devem “salvar” muitos enfermos através do que, sinteticamente, se chama de virtude da *compaixão*!

Assim sendo, **ter compaixão** é *recordar* o milagres das curas e a Paixão de Cristo que terminou na Cruz. **Ter compaixão** é *reconhecer* que o sofrimento do outro também é o meu sofrimento. E **ter compaixão** é *partilhar* esse sofrimento alheio através da nossa *oração, caridade, palavra, escuta e presença* (companhia).

Ou seja, o que aquela criança fez foi muito simples: apenas recordou ao seu avô que a sua doença não lhe retira a sua dignidade, nem o lugar que tem no coração de Deus!

4. Com isto, estaremos, entre outros aspectos, a curar aquela que, segundo Henri Nowen, é a doença mais dolorosa da sociedade actual: a solidão.³ Como dói ver notícias de **homens e mulheres** que se abandonam à sua incapacidade, à sua deficiência, à sua doença... **homens e mulheres** que deixaram de acreditar em si e em Deus... **homens e mulheres** que se

² Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial do Doente 2012*, 1.

³ Henri Nowen, *O curador ferido*, 105.

contentam com respostas rápidas, com brilhos passageiros... **homens e mulheres** que decidiram ser vítimas e não cooperadores da criação... **homens e mulheres** desaproximados, incapazes de ouvir o anseio mais profundo do coração!

Desculpem a franqueza e que, sem rodeios, afirme que a Pastoral da Saúde tem de ser um caminho para a nova-evangelização, ou seja, um instrumento peculiar para manifestar a beleza do amor de Deus. Aliás, o teólogo Anselm Grün escreve: “na doença, consigo descobrir o espaço interior do silêncio, aquele onde Deus habita em mim. É lá que me sinto curado e pleno. A doença não tem acesso a esse espaço.”

Este Encontro Nacional da Pastoral da Saúde deve, por isso, ser um ponto de partilha, reflexão e criatividade para que muitos descubram na enfermidade a presença do amor divino, de modo a que proclamem jubilosamente como o salmista: “Louvado sejas, Senhor!” Isoladamente, eles não serão capazes de fazer essa descoberta.

Daí que a comunidade cristã tenha de discernir caminhos de presença efectiva para que o rosto do autêntico amor não permaneça oculto. Os cristãos não podem ignorar o sofrimento alheio. Há sinais que parecem de abandono de Deus, os quais devem ser preenchidos por gestos de muita solicitude e ternura. E, se olharmos para os cuidados que oferecem as estruturas de saúde, não podemos permitir a nossa insensibilidade perante burocracias exageradas, desatenções quase inconscientes ou simples preocupações economicistas para evitar prejuízos e facturar lucros. Aí o cristão deve ser sempre gerador de esperança.

Se é tarefa de todos, os profissionais de saúde não podem esquecer a sua identidade cristã. Talvez não necessitem de etiquetas para se afirmarem.

O silêncio da dedicação e serviço de entrega pode marcar a diferença, mesmo sem se usar palavras.

5. Para terminar, a primeira leitura relatando-nos uma jornada missionária de Saulo e Barnabé, vem confirmar tudo quanto referi e, por isso, permiti-me que agradeça àqueles “ministros da esperança”, que nas suas comunidades visitam e acompanham gratuitamente os doentes. Esses homens e mulheres silenciosos, voluntários ou profissionais que, “muitas vezes sem mencionar o próprio nome de Cristo”, O manifestam concretamente, fazendo com que “a palavra de Deus cresça e se multiplique”. Eles são muitos, mas poderão ser ainda mais!

Que a Senhora de Fátima, conforte e anime os agentes da Pastoral da Saúde, que apenas querem continuar o gesto salvífico de Cristo junto daqueles que vivem na enfermidade. Porque também se pode ser feliz na enfermidade.

+ Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz
Santuário de Fátima, 2 de Maio de 2012